

CADERNO DE RESPOSTAS

"...mas quando disse que trabalhava no lixo, percebi que 'o cara' não quis vender. Senti raiva e um pouco de vergonha".

"...Mato Grosso do Sul se caracteriza principalmente por um mosaico diversificado como espelho maior de sua cultura."

"Abre-se faculdade de medicina sem nenhum tipo de critério, não existe um direcionamento, vagas de residência médica para formação de especialidades que a população necessita..."

"Por que criança é um ser humano mais sensível, precisa de mais proteção. É o único público-alvo que não sabe se defender."

"Toda vez que eu pegava uma caneta ou lápis, sentia uma vibração muito grande no coração e um desejo ardente"

"...fo-ram feitos de forma tão sutil que só mesmo sendo negro para saber que se tratava de um ato de discriminação."

Editorial

Perseguir respostas

O jornalista sai de casa para o trabalho e não tem o direito de dizer “hoje eu não estou a fim de falar com ninguém”. É impossível passar um dia de busca de informação calado ou trabalhando sozinho. Afinal, a matéria-prima das histórias que este profissional conta está na conversa , no diálogo, no prosear. Além da paciência, este trabalhador precisa estar com ouvidos e língua bem disponíveis.

Também, como já dizia o repórter Ricardo Kotscho, não há espaço para firulas , como sentir pavor de conversar com estranhos, desconforto ao parecer xereta, inoportuno ou inconveniente. A timidez precisa ser trabalhada. Jornalista acanhado só em casa , em relações pessoais. Profissionalmente é preciso audácia. Muitas destas sensações já são vivenciadas pelos estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) que por meio da prática no jornal-laboratório Em Foco exercitam técnica e comportamento no processo de levar a informação ao leitor.

Esta edição traz aos leitores mais uma etapa de aprendizagem dos futuros jornalistas formados pela Católica. São entrevistas realizadas pelos estudantes que estão hoje no 4º, 6º e 8º semestres. No jornalismo a entrevista vai sempre estar presente nas matérias direta ou indiretamente. Ela pode ser apenas uma ferramenta, um instrumento para se chegar à informação ou pode se apresentar como um gênero do jornalismo informativo, como se pode ver nas próximas páginas. Perguntas dirigidas a quem entende de um tema específico, como a TV Digital, Movimentos Sociais, Informática, Medicina e Jornalismo.

Mas os questionamentos revelam também o humano de seres que mesmo não sendo celebridades na mídia podem ensinar. Como Dona Nádia uma trabalhadora brasileira, que revela suas várias faces profissionais, ou o publicitário suíço que mora em Campo Grande e carinhosamente luta para que as crianças brasileiras possam viver felizes. As entrevistas revelam ainda a raiva e vergonha de Ronilson, catador de material reciclável no lixo de Campo Grande que foi discriminado ao tentar abrir um crediário para autônomos em uma loja de eletrodomésticos da Capital.Um garoto de 12 anos, eleito vereador mirim exemplifica como a política pode ser incentivada desde a infância e um poeta que acaba de publicar seu primeiro livro, aos 73 anos de idade demonstra que a sensibilidade no trato de almas e palavras pode surgir em meio ao árduo trabalho na roça.

A técnica de uma boa entrevista nossos estudantes estão aprendendo nas salas de aula, mas o Curso de Jornalismo proporciona a eles também experiências práticas. É só entrevistando, face a face com os mais variados tipos de pessoas, dos chatos aos fofos, dos monossilábicos aos prolixos, dos dissimulados aos sincero-suicidas, que os futuros jornalistas aprendem suas próprias técnicas de entrevistar. A melhor forma de conseguir respostas.

EXPEDIENTE



Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano VII - nº 107 – Agosto de 2008 - Tiragem 3.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Lauro Takaki Shinohara

Reitor: Pe. José Marinoni

Pró-Reitor Acadêmico: Pe.Dr. Gildásio Mendes

Pró-Reitor Administrativo: Ir. Raffaele Lochi

Coordenador do curso de Jornalismo: Jacir Alfonso Zanatta

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158 e Inara Silva DRT-MS 83

Revisão: Cristina Ramos, Inara Silva e Oswaldo Ribeiro

Edição: Cristina Ramos e Inara Silva.

Repórteres: Ana Maria Assis, Carlos Costa, Daniel Henrique, Elaine Bechuate, Evellyn Abella,

Felipe Duarte, Flávio Oliver, Hélder Rafael, Jackeline Oliveira, Jairo Gonçalves, Juliana Fonini, Kamilla Lovizon, Kamilla Ratier, Kleber Clajus, Mayara Teodoro, Nilda Fernandes, Otávio Cavalcante dos Santos Júnior, Priscila Motta, Tatiane Guimarães e Tatyane Santinoni,

Projeto Gráfico e tratamento de imagens: Designer - Maria Helena Benites

Diagramação: Designer - Maria Helena Benites

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel:(067) 3312-3735

Em Foco on-line: www.jornalemfoco.com.br

Home Page universidade: www.ucdb.br

E-mail: emfoco@ucdb.br emfoco.online@yahoo.com.br

“Conseguí transpor o círculo de aço”

Foto: Arquivo Instituto Luther King

leixo Paraguassu Netto fez história ao se tornar o primeiro juiz negro de Mato Grosso do Sul. Em 2003, ajudou a fundar o Instituto Luther King e desde então se dedica aos alunos que são ajudados gratuitamente na instituição. Com 70 anos de idade, Aleixo, que é casado e tem dois filhos, contou um pouco de sua história para o Jornal Em Foco.

Kamilla Lovizon

EM FOCO - Qual é a sua formação acadêmica?
PARAGUASSU – Sou formado em Direito pela UFRJ, em 1969.

EM FOCO - O interesse pelo Direito surgiu como?
PARAGUASSU – Surgiu naturalmente. Desde o momento em que me descobri com vocação para a atividade jurídica, não pensei em outra coisa a não ser no magistrado.

EM FOCO - Na época em que o senhor cursou Direito, haviam vagas destinadas aos negros pelo sistema de cotas, assim como hoje?
PARAGUASSU – Para negros não, mas havia cotas para brancos que fossem filhos de fazendeiros e agricultores e quisessem cursar Agronomia ou Medicina Veterinária. Era a chamada “Lei do Boi”, onde jamais ninguém protestou ou foi contra este tipo de privilégio.

EM FOCO - O que representou e ainda representa ser o 1º Juiz negro de MS?
PARAGUASSU – Representa um passo importante. Desmistifica esta errônea crença que nós, negros, só devemos ocupar os espaços subalternos da sociedade.

EM FOCO - O senhor já sofreu preconceito alguma vez por ser negro, ou por ocupar este cargo histórico?
PARAGUASSU – Nem sempre é fácil relatar casos de preconceito, principalmente onde estes são exercitados de uma maneira velada na nossa sociedade. Eu me recordo que já fizera esta mesma pergunta ao primeiro bispo negro do Brasil, e ele respondeu que “racismo é coisa que se sente, não se vê”. Eu achei a frase dele muito verdadeira, que sinteticamente retratou o racismo. Então eu tenho pouquíssimos e insignificantes casos de preconceitos e até sempre me recuso a falar deles, pois foram feitos de forma tão sutil que só mesmo sendo negro para saber que se tratava de um ato de discriminação. Porém, no Poder Judiciário, eu jamais fui alvo de qualquer discriminação, até porque todas as minhas promoções foram por merecimento, o que prova que esta instituição não discrimina ninguém.

EM FOCO - Suas conquistas começaram cedo; além de ter passado no concurso para juiz em 1º lugar, e ocupar o cargo de ser o 1º juiz negro do Estado, o senhor acumula mais conquistas em sua vida?
PARAGUASSU – Sem demagogias, eu realmente não contabilizo estes fatos na minha conta pessoal. Quando eu menciono estes fatos que você citou, o faço numa perspectiva política, para que isto signifique avanços na luta contra a discriminação racial neste país. Na verdade eu me sinto um daqueles negros que conseguiu transpor este “círculo de aço” que impede a mobilidade social dos segmentos discriminados.

EM FOCO - Por quanto tempo o senhor ficou como juiz?
PARAGUASSU – Fiquei 11 anos como juiz.

EM FOCO - Após este tempo o senhor ainda exerceu outra função na área do Direito?
PARAGUASSU – Eu saí da magistratura e depois de muita insistência do então governador assumi a Secretaria de Segurança Pública. Depois de assumir este cargo, fui Secretário de Educação, onde fiquei cerca de três anos. Depois disto, fiquei dois anos advogando e aí voltei à Secretaria de Educação, de onde saí em 1997. De 1997 até 2005, estive como assessor



Marco - Aleixo ajudou a desmistificar que negros são subalternos

jurídico do Tribunal Regional Eleitoral. Em 2003 fundamos o Instituto Luther King, Instituto a qual emprego parte considerável do meu tempo e faço tudo com muito prazer. No 1º e no 2º mandato ocupei o cargo de presidente, e hoje sou o vice.

EM FOCO - Como é o seu trabalho no Instituto Luther King?
PARAGUASSU – Por ser uma Instituição Educacional, sou extremamente gratificado por participar através do ensino, onde faço parte da melhora da vida de muitos jovens. Apesar da Instituição se chamar Luther King, isto não significa que aqui estudem apenas negros. É uma escola plural, onde estudam tanto negros quanto brancos e índios. O nome é apenas uma homenagem. A medida da nossa satisfação é saber que em quatro anos de funcionamento, nós já ajudamos centenas de jovens e já firmamos convênios com universidades particulares, que concederam bolsas de valores consideráveis a ex-alunos do Instituto Luther King. Já foram atendidas, mais de 200 crianças, adolescentes e adultos através do nosso curso de informática básica. Este contingente de pessoas é atendido de forma inteiramente gratuita, com a ajuda, também, do governo, prefeitura, Fundação Barbosa Rodrigues, Banco do Brasil, e diversas outras instituições particulares. O Instituto Luther King é, portanto, uma instituição que vem cumprindo seu papel, não só o de preparar jovens para o mercado de trabalho, ou prepará-los para o ingresso em uma faculdade, mas o de prepará-los para exercer a cidadania, porque aqui divulgamos, difundimos e incentivamos o cultivo de outros valores universais, como a democracia e o respeito à diferença, à ética, etc.

EM FOCO - Desde quando o Instituto Luther King foi criado, o que mudou em sua vida?
PARAGUASSU – Aprendi e continuo aprendendo muito através das histórias de vida de alunos e ex-alunos. Espero que o Instituto se fortaleça cada vez mais, que a gente consiga fortalecer as parcerias que já temos, e fechar novas parcerias também. A minha meta, hoje em dia, se resume a isso: melhorar o Instituto Luther King para ajudar mais crianças, jovens e adultos.

TEM HORAS QUE TUDO O QUE VOCÊ PRECISA É DE UMA BOA IDÉIA

Nessas horas conte com a gente



COMUNIDADE

Agência Pedagógica do curso de Publicidade e Propaganda

U C D B



Estamos de volta em 2008 B!!!!



Ao se digitar em um site de buscas da internet as palavras Movimento Social, milhares de artigos, ensaio e resumos são sugeridos a partir de novas abordagens, teorias clássicas e estudos aprofundados sobre o tema. Mas, afinal o que é movimento social e qual sua influência na vida social e política dos cidadãos brasileiros?

O Jornal Em Foco conversou com a assistente social, mestre em saúde coletiva e militante dos direitos humanos, Estela Scandola, para entender melhor o que há por detrás do conceito de movimento social e traçar uma análise da temática em Mato Grosso do Sul.



Fa l h a - Conforme Estela falta união entre movimentos sociais de MS



SEM-TERRA e INDÍOS mobilizam ESTADO

Kleber Clajus

EM FOCO - O que podemos entender por movimento social?

ESTELA – Se pegarmos os autores acadêmicos vamos ter muitos conceitos sobre movimento social. Você não tem apenas um conceito sobre movimento social. Por exemplo, você vai ter desde os primórdios das organizações dos trabalhadores, pós-Segunda Guerra Mundial, como principal movimento social o movimento sindical. Então, toda a base do movimento social era a organização de trabalhadores. E, com vistas a controlar o processo do trabalho, controlar os detentores do capital. O movimento social ele tem uma base forte que é o movimento de contestação das condições de trabalho. Esse é o nascedouro dos movimentos sociais. Depois começamos a perceber que o movimento social vai nascendo a partir da mobilização, não de um grupo social, mas de vários grupos sociais que se juntam em torno de uma temática.

EMFOCO – O movimento social, então, estaria atrelado a mobilização de um grupo de pessoas na busca por seus direitos?

ESTELA – É a mobilização, mas essa mobilização precisa ter uma pauta. Ele tem que ter uma propositura social, tem que se propor a defender uma causa, a contestar uma verdade que está posta como senso comum. Hoje no Brasil, não tem mais esse grande movimento. Só temos movimentos setorializados. Temos o movimento de luta pela terra, da criança, de mulheres, de homossexuais. Dentro do movimento de homossexuais você vai ter o movimento de lésbicas, gays, travestis. Ou seja, o que temos hoje na sociedade é uma fragmentação de movimentos e, onde falta um espaço de encontro entre esses movimentos.

Em Foco – É como se não houvesse uma interligação entre os temas e os movimentos ou como se esses não conseguissem dialogar entre si?

ESTELA - Não só uma interligação, mas não compreende a sociedade como um todo. O ponto que nos une, nós teríamos para cada movimento uma resposta diferente. Se você perguntar para o movimento da criança ele vai dizer: ‘O ponto que nos une, bom, não é mais a questão da falta de escola, não é mais a mortalidade infantil. Talvez sejam as medidas sócio-educativas.’ Se você pegar o movimento indígena ele vai dizer assim, olha:

‘o ponto que une o movimento indígena e que os outros movimentos têm que nos apoiar é a luta pela demarcação de terras.’ Se você pegar o movimento da reforma agrária, ele vai falar: ‘o tema da reforma agrária é mais importante que os outros.’ Ou seja, os movimentos não têm hoje um ponto guia que diga assim: “Essa é a grande questão que une todos os movimentos.” E muitas vezes um movimento não gosta do outro. Acham que são inimigos. Eu vi uma vez uma pessoa do movimento dos homossexuais dizer para mim: ‘Olha, Estela, eu acho que a gente tem que lutar contra a discriminação, mas esse negócio de negro querer cota na universidade, pelo amor de Deus, né?’

EM FOCO - Hoje em Mato Grosso do Sul nós temos movimentos sociais fortes capazes de modificar o contexto social do Estado?

ESTELA - Temos dois movimentos que pautam a sociedade sul-mato-grossense. É o movimento de luta pela terra e o movimento indígena. Esses dois pautam a sociedade. Tem muita gente que não quer ver esses movimentos. Não vê. Mas é só a gente sair por aí que a gente vê, neste Estado inteiro acampamento dizendo ‘nós existimos!’ Quando você põe um acampamento na beira da estrada você está dizendo que ‘aqui tem um grupo que luta pela terra.’ E no movimento indígena, não tenho nenhuma dúvida, que a cada novo suicídio indígena a sociedade devia repensar o que o movimento indígena está falando. Então o movimento indígena que fez as grandes ocupações, desde 2004, tem uma forma de resistência desde Marçal de Souza há quase trinta anos atrás. Agora o movimento indígena, em Mato Grosso do Sul, é um dos movimentos que mais pauta a sociedade. ‘Vem aqui olhar o que está acontecendo.’ As duas maiores cadeias econômicas de Mato Grosso do Sul são a soja e o gado de corte. Então fazer o contra poder da soja e do gado de corte e, agora, as destilarias esse está muito difícil. O movimento sindical é bastante débil em Mato Grosso do Sul. A maior categoria de trabalhadores do Estado é do serviço público. E é um serviço público tão massacrado que não consegue respirar para fazer movimento. A história do serviço público em Mato Grosso do Sul é horrível. É uma das piores histórias que nós temos. A forma como os trabalhadores são tratados, o relacionamento completamente servil imposto. Então, o movimento sindical tem essa característica que, sem dúvida nenhuma, o maior sindicato deve ser a FETEMS. Deve ser a FETEMS que trabalha com os professores. Então você vai ter esses sindicatos como sendo aquele movimento que vai sendo abafado por conta do coronelismo existente no serviço público, os nossos mandatários. Nem sei se temos exceção, mas nossos governantes são extremamente autoritários na relação com os trabalhadores.

O movimento feminista começa a respirar novamente com uma mobilização maior advindo do escárnio que o judiciário está fazendo com a história da clínica de planejamento familiar. Esse escárnio que o judiciário e o Ministério Público estão fazendo com quase 10 mil mulheres impõe uma reação do movimento feminista. O movimento negro que mostra resistência a partir da comunidade da tia Eva, que tem um movimento de resistência, mas enquanto movimento negro tem iniciativas bastante pontuais que por vezes se encontram. Em Mato Grosso do Sul os que tem visibilidade mesmo são o movimento indígena e o movimento de luta pela terra.

O futuro do Brasil na ponta do seu dedo.

VOTE CONSCIENTE

publicidade & propaganda

comunicação

IMORTAIS são guardiões da CULTURA e da LITERATURA de MATO GROSSO DO SUL



m 30 de outubro de 1971 foi inaugurada a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Sucessora da Academia de História e Letras de Campo Grande, a instituição completa 37 anos dedicados a cultura e literatura do Estado. Para falar sobre a Academia o Em Foco entrevistou o seu atual presidente, o escritor Reginaldo Alves de Araújo, 61 anos, que há mais de três anos preside a casa.

Jairo Gonçalves
Mayara Teodoro

EM FOCO: Quais são os objetivos da Academia de Letras?
REGINALDO: A grande finalidade da Academia é colaborar com o acervo cultural do Estado. Isto é, publicações de livros que resgatem a história do Estado. Incentivar o interesse pelo idioma nacional e por último realizar estudos de interesse cultural que preocupam o mundo contemporâneo. Também cuidar de trabalhar o uso da escrita correta da língua portuguesa.

EM FOCO: Quantos presidentes a Academia já teve?
REGINALDO: Desde quando foi inaugurada no Estado, há 37 anos, já passaram nove presidentes, eu sou o décimo a ocupar a cadeira.

EM FOCO: Quantos membros tem a Academia?
REGINALDO: Todas as Academias de Letras têm

40 membros a ocupar a cadeira até seu falecimento.

EM FOCO: Após o falecimento de um acadêmico como é feita a substituição?
REGINALDO: Passados 30 dias de luto é anunciado em edital que vagou uma cadeira, então os sócios poderão indicar candidatos que serão analisados e postos em votação.

EM FOCO: Como é feita a seleção? Quais são os critérios?
REGINALDO: Primeiro que é um privilégio pertencer à Casa. O candidato tem que ter publicado livros com teor literário e/ou cultural; ter integridade moral, ou seja, uma boa reputação perante à sociedade. Residir no Estado de Mato Grosso do Sul, exceto para cadeira nº40, destinada a mato-grossense. Então é reunido o conselho que fará a votação secreta para a escolha do novo membro àquela cadeira vaga.

EM FOCO: Como é feita a posse do novo membro?
REGINALDO: O novo sócio ao ser empossado, em nome da academia, é saudado por um dos acadêmicos em uma cerimônia solene, bastante concorrida no meio intelectual. E no discurso de posse o empossado faz um estudo da vida e da obra do seu patrono e de seu antecessor. Podendo ainda focalizar sua posição doutrinária diante de problemas da cultura ou do mundo moderno. Assim rege o nosso estatuto.

EM FOCO: Quais as atividades realizadas pela Academia?
REGINALDO: Publicações de edições de jornais, revistas e livros literários; palestras em universidades e escolas; Doações de livros às bibliotecas e também abre as portas da própria academia a alunos e professores que buscam por pesquisas no campo da literatura.

EM FOCO: Quem mantém a Academia?
REGINALDO: Há uma anuidade paga pelos membros e também a Academia recebe uma contribuição do município para despesas.

EM FOCO: A Academia pode receber doações?
REGINALDO: Sim. De acordo com o estatuto da Casa, podemos receber auxílios e doações de entidades públicas e particulares e podendo, também, assumir compromissos pelo desenvolvimento cultural do estado.

EM FOCO: O que a sociedade pode esperar da Academia Sul-Mato-Grossense?
REGINALDO: A Academia preza pela cultura e a literatura do Estado. O que vem a ser um grande legado para a sociedade sul-mato-grossense, uma vez que cuidamos de manter e preservar o maior bem de um povo: sua cultura, sua história.



S ó c i o - Reginaldo Alves de Araújo é um dos 40 integrantes da Academia

Uma parte faz toda a diferença.



Acontece na vida. Acontece com os livros.
Preserve-os hoje para usá-los sempre. Eles são responsabilidade de todos.
Devolva-os no período certo para que todos possam utilizá-los.



Conquistas - Conforme Calheiros existe um esforço para que o sul-mato-grossense possa expressar cada vez mais sua cultura como reflexo de vida e sentimentos, aqui e para o mundo

CULTURA: expressão do VIVER

m entrevista ao Jornal Em Foco, o presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, Américo Calheiros, fala sobre a cultura no Estado, sua importância na educação e colaboração para o desenvolvimento.

Jackeline Oliveira
Kamilla Ratier

EM FOCO - Quais os aspectos que caracterizam a cultura sul-mato-grossense?

CALHEIROS - A cultura sul-mato-grossense é multifacetada, englobando a influência e a participação de vários povos. É preciso considerar inicialmente a influência dos povos indígenas, que primitivamente habitavam o Estado. Também é importante perceber a dimensão da cultura feita pelo homem pantaneiro e considerar as matizes culturais trazidos pelos imigrantes, onde se destacam os italianos, os japoneses, os portugueses, os árabes e outros, e também os migrantes oriundos de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Pernambuco, dentro outros. A fronteira seca que Mato Grosso do Sul faz com o Paraguai e a Bolívia também propicia um legado cultural forte advindo desses dois países irmãos. Sendo uma cultura em construção, uma vez que o Estado é muito jovem e ainda não procedeu a absorção de todas as influências culturais recebidas e as que estão em processo, Mato Grosso do Sul se caracteriza principalmente por um mosaico diversificado como espelho maior de sua cultura.

EM FOCO - A falta de incentivo contribui com a desvalorização da cultura?

CALHEIROS - O acesso à cultura é direito inalienável do ser humano. A Constituição Federal assegura a todos os cidadãos esse direito, e conseqüentemente atribui ao Estado uma parcela de responsabilidade na valorização da cultura. Particularmente acredito que a valorização e o fortalecimento da cultura se estabelecem de maneira conseqüente e sólida quando há um compromisso equitativo por parte do Estado, da iniciativa privada e da sociedade como um todo. A falta de incentivo sempre colocará em risco a valorização da cultura.

EM FOCO - De que maneira a Fundação de Cultura promove a inclusão social?

CALHEIROS - À medida que se facilita o acesso da população às manifestações culturais está se promovendo a inclusão social do cidadão. Isso também pode ser feito em programas e projetos específicos voltados a determinados segmentos da socie-

dade com objetivos claros nessa direção. Programas voltados a segmentos específicos ainda estão fase de elaboração na Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul.

EM FOCO - Cultura e meio ambiente juntos. Quanto aos projetos realizados no Parque das Nações Indígenas, como o Som da Concha e MS Canta Brasil, qual a importância da realização desses eventos?

CALHEIROS - A idéia da sustentabilidade na atual sociedade que vem alterando a relação do homem com o meio ambiente tem que estar presente em todas as áreas de ação do governo e da sociedade como um todo. Projetos como o Som da Concha e o MS Canta Brasil promovem o acesso da comunidade às manifestações musicais tanto locais como nacionais. Esse é o objetivo desses projetos.

EM FOCO - A população campo-grandense está valorizando mais a cultura?

CALHEIROS - Se considerarmos que o Estado de Mato Grosso do Sul, originalmente voltado à pecuária, há 30 anos não considerava a cultura como uma área importante, podemos dizer que hoje a cultura já faz parte da agenda política do Estado e da Capital, que a população vem recebendo muito bem as ações e atividades culturais, e que há uma demanda voltada pra essa área que, podemos dizer, está em franca expansão no Estado de MS.

EM FOCO - Com o aumento dos incentivos à cultura, os produtores culturais têm melhorado a qualidade de seus trabalhos?

CALHEIROS - Sim. Grande parte dos produtores tem mostrado uma significativa melhora dos trabalhos apresentados, e outros precisam sem dúvida buscar atingir a excelência naquilo que fazem.

EM FOCO - Qual a importância do teatro como instrumento de educação?

CALHEIROS - O teatro informa, melhora a massa crítica da sociedade, entretém, modifica o meio social e transforma vidas. É indubitavelmente um importante instrumento a serviço dos educadores e da educação como um todo, podendo melhorar a capacidade de expressão individual e coletiva, a auto-estima das pessoas, o pensamento crítico, lapidar a sua sensibilidade, tornando-as mais compromissadas com a sociedade em que vivem e com seu tempo. O teatro é além de tudo um instrumento poderoso de promoção da generosidade das pessoas para com seus próximos.

EM FOCO - Como educador, quais alternativas podem ser utilizadas para levar cultura às salas de aula?

CALHEIROS - O amor e a valorização à cultura se iniciam nos bancos escolares. A escola é a principal responsável pelo reconhecimento e elevação dos grandes clássicos da literatura, das artes plásticas, do teatro, da música, da dança e outras manifestações artísticas e culturais de âmbito nacional e mundial. Ela só pode passar esse legado aos educandos se tiver professores capacitados para disseminar esses conhecimentos e esse interesse, portanto não falo em levar a cultura à sala de aula, porque ela deve estar essencialmente impregnada no ato de educar do dia-a-dia. Falo sim no sentido de fortalecer esse trabalho, e isso pode ser feito incentivando os alunos a verem e fazerem teatro, a assistirem e praticarem a dança, a ouvirem e exercitarem a música, e as outras formas de manifestações artísticas e culturais que compõem o espectro da cultura mundial. Nesse sentido, participar da promoção dessas atividades, tanto na escola como também possibilitando aos alunos assistirem-nas fora dela, é também um bom caminho para o fortalecimento.

EM FOCO - Na sua opinião, o que falta para que a cultura sul-mato-grossense seja mais valorizada no cenário nacional?

CALHEIROS - Cada vez que estivermos fortalecendo a construção de nossa cultura em conjunto com o compromisso de fazê-la cada vez mais ser a expressão de nossa forma de viver, de sentir e de expressar nosso olhar de sul-mato-grossense para nós próprios e para o mundo, estaremos valorizando tanto interna como externamente. E isso não é fácil, porque é um processo que exige um prazo maior de maturação, onde não se queimam etapas, mas tenho certeza que chegaremos cada vez mais ao patamar nacional e internacional que nossa cultura merece.

Pirataria. Ninguém engole.

A falta de originalidade afeta 38% da economia mundial, não deixando os verdadeiros lucros fazerem parte da mesma.

Não faça parte dessa falsificação.
Compre com consciência.



pequenos POLÍTICOS, grande FUTURO



leito um dos 23 vereadores mirins da Capital, Gabriel Francisco Guimarães da Silva, de 12 anos, que estuda na Escola Estadual Elvira Mathias de Oliveira fala da experiência de estar em meio à política e qual foi a sensação de trabalhar durante quase dois meses para ser eleito pelos colegas e professores.

Elaine Bechuate
Priscila Motta

EM FOCO - Como surgiu seu interesse pela política?
GABRIEL - Na escola através de apoio de professores, dos diretores, alunos também que me apoiaram nas campanhas, tem até uma professora nossa que fez uma faixa e colocou na entrada, me incentivando.

EM FOCO - Você sempre gostou de política?
GABRIEL - Pra falar a verdade não. Passei a me interessar aos poucos.

EM FOCO - Como foi o processo de eleição para vereador?
GABRIEL - Foi muito bom. As eleições foram realizadas na escola, e a posse foi na Câmara Municipal.

EM FOCO - Você também é presidente da Câmara? Como você atua?
GABRIEL - Por enquanto só estamos tendo algumas reuniões, e agora vamos ter a posse dos deputados mirins. Todos nos unimos nas reuniões para ver soluções para os

problemas.

EM FOCO - Ser eleito vereador é difícil, mais difícil ainda é ser Presidente. Como você consegue?
GABRIEL - Às vezes tem alguma reunião e coincide de ter prova na escola, aí dá um conflito, uma atrapalhada, mas não interfere em tudo, na minha rotina. Aqui em casa também tenho que ajudar minhãe. Mas eu dou conta.

EM FOCO - O que um vereador mirim pode fazer?
GABRIEL - Nós trazemos benefícios voltados para a escola e para os alunos. Já para a cidade são os deputados e também a prefeita mirim.

EM FOCO - Qual a sua visão em relação à política do País?
GABRIEL - Ainda tenho esperança que esse País possa andar pra frente.

EM FOCO - Desde a sua posse em agosto, você viu alguma melhoria?
GABRIEL - Sim, já estamos realizando palestras em escolas, a prefeita mirim também já esta passando várias coisas para o prefeito para a melhora das nossas escolas.

EM FOCO - Qual a maior mudança no seu ponto de vista para a sua escola?
GABRIEL - Por enquanto não teve mudanças, mas temos projetos, o primeiro deles é reivindicar um dentista e fazer palestras sobre o meio ambiente porque o nosso partido é o Estudantil Ecológico. Então a nossa prefeita está jogando bastante em cima da nossa natureza, do nosso meio ambiente.

EM FOCO - Qual a sua função como presidente?
GABRIEL - É como se fosse um líder dos deputados e vereadores mirins, e lá eles sentam junto com os juizes, com a prefeita, é um intermediário. Por exemplo, a prefeita vai a alguma palestra, aí isso é passado para o presidente e ele tem a função de passar aos deputados e vereadores. É o braço direito da prefeita.

EM FOCO - A sua família te apóia por ter entrado tão cedo para a política?
GABRIEL - Sim, primeiro quan-

do eu falei, “mãe vou me candidatar a vereador mirim”, minha mãe disse não, que eu não sabia onde eu estava entrando, o que eu estava aprontando. Eu falei “não mãe, calma não é assim”. Mas agora ela me apóia, quando eu tenho que estar na escola mais cedo ela me leva, está sempre do meu lado.

EM FOCO - Quem te elegeu?
GABRIEL - Nós nunca fomos desunidos, eram seis candidatos, nós passávamos nas salas falando das nossas propostas, fizemos cartazes, os professores também fizeram, no dia da eleição o rapaz que estava cuidando das urnas deixou a gente distribuir os panfletinhos que tínhamos feito para a candidatura e fomos eleitos pelos colegas.

EM FOCO - Porque eles te elegeram?
Gabriel - Acho que sou menos sapeca. Esses dias minha mãe estava até meio transtornada com alguns alunos, com os problemas da escola. Mas acho que foi pelo meu comportamento, pelas minhas notas, porque até a diretora me apoiava, até que eu consegui ser eleito.

EM FOCO - Quais os seus objetivos?
GABRIEL - Eu pretendo continuar na política, trabalhando para esse povo sulmato-grossense.

EM FOCO - Qual a sua rotina?
GABRIEL - Fora às aulas, participo de palestras. A última foi no Horto Florestal, vamos também a outras escolas, TRE, na Câmara, em vários lugares.

EM FOCO - Como você se sentiu nesses quase dois meses de preocupação e agitação da sua candidatura?
GABRIEL - No começo meio vergonhoso, eu entrava naquelas salas cheias falando dos projetos, nós trabalhamos muito, um ajudava o outro, ninguém se desamparava, foi uma união de colegas de sala.

EM FOCO - Quando acabar os dois anos de posse, vocês poderão se reeleger?
GABRIEL - No caso, meu professor João Carlos me informou que daqui a dois anos vai ter eleição para deputado mirim, senador mirim, e até estão pensando em governador mirim. Então vou ver como eu posso estar me elegendo para ir subindo de cargo.

EM FOCO - Quem realiza esses projetos de jovens entrar na política como vereadores, deputados, etc?
GABRIEL - É o projeto Amigos da Escola. Eles deram essa idéia e a Secretaria da Educação apoiou, então construíram esse projeto juntamente com o TRE, com a Câmara e com os demais vereadores. O prefeito também apoiou, mesmo não podendo estar presente no dia da posse, a Secretária da Educação estava lá o representando.

VIII Congresso de Direito Tributário, Constitucional e Administrativo

04 a 06 de setembro/2008

Centro de Convenções Rubens Gil de Camillo

Campo Grande - MS

Palestrantes

Alexandre Mazza
Betina Treiger Gruenmacher
Clémerson Merlin Clève
Dimitri Dimoulis
Diogenes Gasparini
Eduardo Sabbag
Estevão Horvath
Eurico Marcos Diniz De Santi
Luis Fernando de Souza Neves
Luis Fernando Rodrigues Junior
Luiz Flávio Gomes
Marcelo Campos

Marcelo Magalhães Peixoto
Marcelo Viana Salomão
Maria de Fátima Ribeiro
Mario Schapiro
Ministra Eliana Calmon
Ministro José Augusto Delgado
Paulo Ayres Barreto
Paulo de Barros Carvalho
Robson Maia Lins
Roque Antonio Carrazza
Walter Ceneviva

Inscrições online com 10% de desconto

Informações e Inscrições:

Rua Espírito Santo, 796 - Jd. dos Estados - Campo Grande MS
(67) 3301.8328 | 3382-6795

Realização

www.chiesa.com.br/congresso



FRONTEIRAS no JORNALISMO

Marcelo Cancio é Mestre em Jornalismo pela Universidade de São Paulo e atualmente realiza seu doutorado. A base da sua pesquisa é comparar a prática do jornalismo nas zonas de fronteiras. A partir desse tema, ele realizou uma viagem a Portugal, onde efetuou alguns estudos sobre o jornalismo de fronteira entre Portugal e Espanha. O resultado da pesquisa oferece referência para uma análise comparativa com o que é feito aqui no Brasil e o que se tem feito lá em Portugal.

**Carlos Costa
Felipe Duarte**

EM FOCO - Como é o trabalho do jornalista e estrutura de televisão em Portugal?

MARCELO - Eu não vi diferença na forma de trabalhar de Portugal para o Brasil, no ponto de vista do fazer jornalístico. Uma situação muito diferenciada que tem de Portugal para o Brasil, em relação à televisão, é que Portugal tem uma informação muito centralizada a partir de Lisboa, então, os jornalistas que trabalham, por exemplo, na emissora de televisão na cidade do Porto, que é a segunda maior cidade país. Eles têm no Porto, sucursais que eles chamam de delegações das emissoras de televisão centrais. Durante muitos anos Portugal só teve uma televisão a RTP, porque eles passaram por um período muito longo de Ditadura do Salazar. Por isso Portugal foi o último país da Europa a ter Televisão. Primeiro foi criado a RTP e anos depois a RTP dois. A Televisão em Portugal surgiu em 1957 e eles só tiveram a televisão privada em 1992 e respectivamente em 1993. Hoje em Portugal existem quatro emissoras, sendo duas da RTP e a Sociedade independente de Comunicação (SIC) e a Televisão independente (TI). Essas quatro emissoras geram programação para todo país, mas a programação está centralizada em Lisboa, ou seja, os jornalistas que trabalham nas cidades do interior não produzem material próprio para suas regiões. Talvez esse seja o assunto mais discutido em Portugal atualmente, por que eles estão brigando por uma maior regionalização da televisão, porque o Porto produz reportagens, mas que são enviadas para Lisboa, e, essas reportagens podem entrar ou não na programação. E o Porto não tem um telejornal local. As reportagens realizadas no Porto só são feitas se apresentarem uma dimensão nacional. O próprio editor da sucursal do por-

to me disse “o buraco de rua no Porto não interessa”

EM FOCO - De que maneira Portugal lidou com a falta da regionalização?

MARCELO - Já teve uma programação local, mas como esta deixou de existir, o que está acontecendo? O processo que ocorre em Portugal é o surgimento de Televisões através do cabo e da internet que transmitem uma programação local, porque, tem uma área do jornalismo, principalmente das pessoas que trabalham com televisão, querem ter uma programação regional então tem uma televisão chamada Porto Canal que produz matérias regionais para o Porto e a região norte de Portugal. A Programação é produzida e concentrada no Porto.

EM FOCO - No Brasil, o que muda no jornalismo?

MARCELO - Eu acho que no sentido de fazer produção, a forma de trabalhar, não muda muito. Embora, por exemplo, a equipe hoje praticamente em Portugal é formada por duas pessoas é um cinegrafista e um repórter e em alguns casos como era nesse Porto Canal, numa outra emissora pequena a NTV, que era a Norte TV que não existe mais, era na verdade uma pessoa só pra produzir. Era um jornalista que saía com a câmera, que gravava e fazia tudo, fazia o texto fazia a entrevista. E é uma característica que também parece que já está, sendo buscado pelas emissoras no Brasil.

EM FOCO - A supressão de cargos e tarefas no Jornalismo é algo negativo ou positivo?

MARCELO - Negativo. Se isso for implantado realmente! Um jornalista fazer, imagem, fazer texto, fazer entrevista, gravar o off, editar, realizar todo trabalho. Quer dizer ele vai ter uma sobrecarga de trabalho, é exaustivo, ele não consegue manter isso durante muito tempo, e depois vai tirar emprego de muitas pessoas. Se a emissora pensar nisso como redução de custo, então significa que os cinegrafistas vão perder emprego, os editores vão perder emprego e os auxiliares. Se as empresas começarem a perceber isso como uma forma de reduzir custo quem vai perder são os profissionais. E quem tiver trabalhando realizando gravação, texto, off, edição, tudo de uma vez só, não resiste. Eu conversei bastante com um jornalista, com o Ricardo, que trabalhava desse jeito. Ele falou que trabalhou dois anos dessa maneira e que no final desses dois anos ele não agüentava mais, ele tava completamente exausto. Porque realmente a pessoa tem tantas funções, faz o serviço de 3, 4 pessoas sendo mais ou menos duas, três matérias por dia. Mas era uma emissora pequena que foi criada no Porto foi a NTV que também era transmitida por cabo, nessa tentativa de regionalizar a televisão, mas essa emissora não existe mais, ela foi substituída por esse Porto Canal.

EM FOCO - Como são organizadas as redações?

MARCELO - A jornada de trabalho eu não cheguei a perguntar se é de 5 horas. Eu tenho a impressão de que não, ela é maior, acho que é de 7 a 8 horas. Assim eu perguntei para várias pessoas aonde fui qual era a produção de matéria. Eles produziam uma quantia que faria de emissora. Eu sei que no Porto tem 6 ou 7 repórteres, a TVI tem dez equipes, a RTP um pouco mais, eles produzem mais ou menos duas matérias cada equipe por dia. E eu não sei se nessas emissoras maiores se elas têm essa função de um repórter que faz todas essas atividades. A rede grande de televisão tem uma equipe já formada por cinegrafista e repórter. O cinegrafista geralmente é o motorista que vai com o carro, então são geralmente duas pessoas o cinegrafista e o repórter. Tendo os editores também que ficam na redação editando as matérias.

EM FOCO - No que consiste o seu trabalho de doutorado?

MARCELO - O que quero mostrar no meu trabalho é que as emissoras que estão localizadas na fronteira do Brasil com o Paraguai se estão ou não aproveitando esta região para mostrar fatos que interessam tanto o lado do Brasil, quanto o lado do Paraguai. E estes assuntos que nunca vão ser mostrados no Jornal Nacional, Jornal da Band ou no Jornal da Record. Por exemplo, se tem um acontecimento em Pedro Juan Caballero, que é importante para aquela determinada região, mas não tem destaque regional, nenhuma emissora do Rio de Janeiro ou de São Paulo não vai até Pedro Juan para cobrir este assunto. Então se naquela região não tem uma emissora de rádio ou de televisão, ou até um jornal que divulgue aquela ação, ela não existe. As pessoas nem de um lado, nem de outro vão ter o conhecimento do que está acontecendo no seu próprio país ou no país vizinho. E ainda ali acontece uma relação muito interessante, pois a notícia de um lado é nacional, por outro ela é internacional. E tem vários assuntos, como saúde, meio ambiente, agricultura, etc. que refletem no cotidiano de ambos os povos. O que pude comprovar na Espanha, é que as emissoras espanholas de fronteira com Portugal fazem um acompanhamento dos fatos das cidades portuguesas de fronteira.

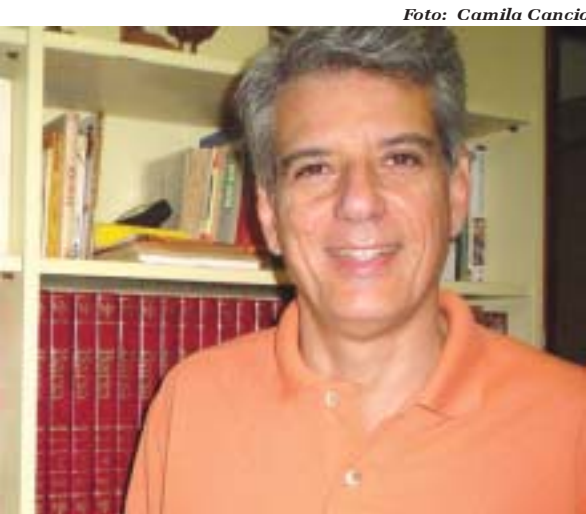


Foto: Camila Cancio

Vizinhos - Cancio enfoca a TV entre Brasil e Paraguai



Ilustração: Maria Helena Benites

uma CONTADORA de POESIAS da vida

Cultivadora de um gênero literário cada vez mais raro nos dias de hoje, a declamação de poesias, a escritora Elizabeth Fonseca teve sua dedicação às palavras reconhecida publicamente em nível estadual. Ela recebeu o Prêmio Literário da quarta Feira do Livro do Mercosul (Femerco), durante a abertura do evento, em outubro do ano passado. Em entrevista exclusiva ao jornal Em Foco logo após receber a homenagem, Elizabeth contou sobre sua vida, carreira e próximos planos como escritora.

Flávio Oliver
Hélder Rafael

EM FOCO - O que representa a homenagem que a senhora acaba de receber?

ELIZABETH - É o reconhecimento de um trabalho que já vem de muito tempo, a declamação. Desde a primeira edição da feira eu venho para fazer divulgação, colaborações com outros colegas autores, participar de rodas de leitura.

EM FOCO - Como surgiu o gosto pela literatura?

ELIZABETH - Escrevo desde os 13 anos de idade, mas não eram escritos com pretensão literária. Por isso demorei a lançar meu primeiro livro, que se chama “Sonhos Azuis” (1991). É uma temática adolescente, onde eu compartilho os problemas e as angústias dessa fase da vida.

EM FOCO - E quais outras obras a senhora já publicou?

ELIZABETH - O segundo foi “Retalhos da Vida” (1999), que considero mais amadurecido. Também participei de algumas antologias e coletâneas de poesia. Há um terceiro título, que está a caminho.

EM FOCO - Além de escritora, em que área a senhora atua profissionalmente?

ELIZABETH - Sou formada em Ciências Contábeis e trabalho como contadora.

EM FOCO - Como convivem essas duas atividades tão distintas, uma que lida com letras e outra, com números?

ELIZABETH - A poesia para mim funciona como uma válvula de escape, pois o gosto pela literatura vem desde muito cedo. Eu acho que esse tipo de coisa nasce com a gente. Com a poesia eu busco satisfação pessoal.

EM FOCO - A senhora procura ensinar a declamação poética às novas gerações?

ELIZABETH - Sim, dou aulas de declamação e, em breve, nossa turma vai organizar a quinta edição de um recital de poesia. E também, minha contribuição é estar sempre escrevendo e participando de atividades literárias.

EM FOCO - Vida de escritor nunca é fácil. Como é ser autor em Mato Grosso do Sul?

ELIZABETH - Aqui em Mato Grosso do Sul é complicado viver como escritora. O custo para se publicar uma obra é elevado, por isso os autores se juntam para publicar antologias, e as despesas são divididas. Penso que quem quer viver para escrever deve primeiro ter uma profissão, e possa se manter. A literatura traz muita felicidade. Se tivesse um poeta em cada casa, não haveria guerra no mundo.

EM FOCO - A senhora acredita que o poder público poderia fomentar, de alguma forma, a atividade cultural? Nas escolas, por exemplo?

ELIZABETH - Sim. Sou sócia da União Brasileira de Escritores (UBE), e através de um documento a entidade solicitou a introdução dos poetas sul-mato-grossenses no plano curricular de ensino das escolas públicas estaduais. Conseguimos isso em 2006, agora estamos batalhando para alcançar as escolas municipais.

**Faz bem para o corpo.
Faz bem para a alma.**

PRATIQUE ESPORTES REGULARMENTE.

publicidade
propaganda

comunicação
Agência Redacional do curso de Publicidade e Propaganda
U C U B